

43º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

SPG 04: Análises de trajetórias e uso de dados biográficos nas Ciências Sociais

**DESEMPREGO, FAMÍLIA E ACESSO A RECURSOS:
CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA ANÁLISE LEXICAL DE ENTREVISTAS**

Vitor Matheus Oliveira de Menezes¹

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista do CNPq.

1. Introdução

Nesta pesquisa, examino relatos pessoais sobre experiências de desemprego, enfatizando aspectos que permeiam a vida em família. Por meio de uma abordagem lexical, o artigo se detém nos repertórios vocabulares presentes em 246 entrevistas, conduzidas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) entre os anos de 2015 e 2016. Para contrastar e agrupar os léxicos destinados à temática, faço uso de uma técnica estatística aplicada a dados textuais, intitulada de Classificação Hierárquica Descendente.

Ao coadunar o desemprego e a esfera familiar, reconheço as atividades produtivas e reprodutivas enquanto imbricadas no cotidiano de indivíduos e grupos. Ademais, pretendo salientar o papel dos laços primários no acesso a bens e serviços básicos, aspecto especialmente relevante no caso brasileiro (Ribeiro, 2010). Em seu desenho metodológico e em seus resultados, o artigo sustenta que as classes produzidas são úteis para mapear as múltiplas formas de experimentar o desemprego em uma sociedade altamente desigual como a brasileira. Os achados subsidiam, então, o exame do desemprego em diferentes estratos, levando em conta o acesso diferencial a recursos e oportunidades.

O artigo se organiza em quatro seções. A primeira organiza a literatura sociológica mais relevante, que se dedicou a examinar a intersecção entre desemprego e esfera familiar. Dialogando com esse levantamento, a segunda apresenta os elementos empíricos sob exame, tratando também da construção do *corpus* e da técnica adotada na análise dos dados. Já na terceira, as classes lexicais são produzidas pelo cruzamento entre as palavras e suas entrevistas de origem. Finalmente, uma breve conclusão sublinha os resultados principais, recuperando as evidências empíricas apresentadas no corpo do artigo.

2. Desemprego e esfera familiar: revisando estudos sociológicos

Devemos a Kamarovsky (1940) um dos esforços de pesquisa pioneiros na delimitação do tema. Investigando os efeitos do desemprego nas relações familiares de autoridade, a autora ponderou como a perda do trabalho incidia sobre o *status* do chefe de família, com possíveis consequências para os vínculos maritais e de filiação. A seu ver, a tendência disruptiva ocasionada pelo desemprego poderia ser creditada à incapacidade

masculina de controlar economicamente os parentes, adensada pela redução da “margem de manobra” familiar em satisfazer interesses conflitantes.

Eisenberg e Lazarsfeld (1938), em texto também seminal, ressaltaram as consequências do desemprego nos traços individuais de personalidade, conferindo ênfase à instabilidade emocional, à perda de rotina, à diminuição de autoestima e ao rebaixamento das aspirações pessoais. Ademais, os autores apontaram o enfraquecimento das atividades associativas e das condições materiais como experiências características de uma “comunidade desempregada”. Esta seria vítima de um ciclo mais ou menos generalizável, pelo qual a duração do desemprego influiria fortemente nos comportamentos individuais, provocando, em seu estágio final, o esvaziamento das relações familiares (Eisenberg; Lazarsfeld, 1938).

Tal pressuposto básico, fundado na conexão entre desemprego e ruptura de vínculos, persistiu como um entendimento hegemônico até a década de 1970, do que dão testemunho as obras de Moen (1979) e Schlozman e Verba (1979). Parte considerável dos estudos ressaltou o papel do desemprego na privação de recursos, bem como na negação do senso de autoestima associado ao engajamento ocupacional, obstruindo os estímulos para a vida em família. A partir desse olhar, o desemprego emergia como um obstáculo à auto-realização pessoal, em suas mais diversas manifestações. É por esse motivo que a fragilização econômica e a ruptura de vínculos, do tipo familiar ou comunitário, foram entendidas como faces da mesma moeda, resultantes em grande medida da desocupação em uma sociedade de mercado.

A década de 1980 trouxe consigo a eclosão de novos olhares interpretativos. Thomas, McCabe e Berry (1980) argumentaram que os conflitos familiares, tanto no casamento quanto na convivência intergeracional, não deveriam ser tomados como necessariamente resultantes da perda do trabalho. O menor peso disruptivo do desemprego passava a estar vinculado a fatores característicos da segunda metade do século XX, em especial a emergência de uma nova condição de desempregado, passível de auxílios governamentais, bem como a diversificação das identidades pessoais, não dependentes em sua totalidade da esfera do trabalho. Já Binns e Mars (1984), com contribuições igualmente relevantes, sublinharam a importância do amparo familiar a casais desempregados, bem

como os efeitos do desemprego nas relações conjugais².

A partir da década de 1990, a correlação entre desemprego e conflitos familiares ganhou maior complexidade. Lampard (1994) analisou esse binômio como um caminho de mão dupla, inovando ao identificar o impacto negativo das separações na perda do trabalho. Já Broman, Hamilton e Hoffman (1996) sustentaram que a influência do desemprego nos conflitos familiares se deveria à deterioração das condições financeiras. Mais recentemente, Taylor (2002) defendeu que as transformações na vida familiar dependeriam da duração do desemprego e das características dos perfis pessoais, enquanto que Lippe, Treas e Norbutas (2017) revisitaram a temática da divisão sexual do trabalho.

A Sociologia brasileira não se mostrou alheia a esse debate. Os escritos de Bilac (1978) e Durham (2004), ao conferirem relevo às estratégias familiares de sobrevivência, talharam uma abordagem que se tornou bastante difundida. Por essa perspectiva, as famílias empobrecidas tenderiam a redefinir a divisão de encargos entre parentes, direcionando mulheres e jovens ao mercado de trabalho. Assim, diante da necessidade de adaptação às incertezas e depressões financeiras, decorrentes em grande medida da desocupação dos provedores masculinos, estas famílias “jogariam” com a mão de obra disponível, maximizando os ganhos econômicos.

Porém, tal como assinalado por Hirata e Humphrey (1989), tais investigações se concentraram no estudo de agrupamentos vulneráveis, cujos chefes de família estariam submetidos a trabalhos instáveis. Os autores, examinando famílias operárias paulistas³, objetivaram uma aproximação alternativa, alicerçada em três outros determinantes: os efeitos da “identidade operária” na duração do desemprego, levando em conta a busca por tipos específicos de ocupação; a existência de diferentes níveis de qualificação e experiência entre os desempregados; e a posição do indivíduo sem trabalho na esfera familiar.

Posteriormente, Sarti (1994) sugeriu novas pistas para a análise da íntima ligação entre as condições socioeconômicas e a estabilidade das famílias. Para a autora, o desemprego, somado às baixas remunerações, deveria ser entendido como um obstáculo

² Os autores evidenciaram, durante o desemprego, a manutenção de um padrão tradicional de divisão sexual do trabalho, a despeito de possíveis negociações conjugais (Binns; Mars, 1984).

³ Algumas com renda relativamente satisfatória e nas quais o desemprego não afetava os principais provedores.

ao padrão esperado de divisão sexual do trabalho, fundado na provisão masculina e no cuidado feminino. Se, pelo lado da mulher, frustrava-se a perspectiva da ascensão socioeconômica pelo casamento⁴, a incapacidade masculina de sustentar o domicílio repercutiria em um intenso sentimento de fracasso, seguido ocasionalmente por modificações na hierarquia familiar ou por episódios de abandono e fragmentação da unidade doméstica (Sarti, 1994).

Já na virada de século, é possível notar a emergência de outros vetores de análise. Conquanto a associação entre desemprego e fragmentação do ambiente familiar seguisse sendo suscitada, os estudos atingiram outros objetivos, reforçando, assim como observado em investigações anteriores, o caráter estratégico da vida em família.

Nessa linha, Borges (2006) e Montali (2006) analisaram o comportamento das famílias, sobretudo no que diz respeito à disponibilização laboral de mulheres e jovens, em contextos econômicos amplamente desfavoráveis. No entanto, a diminuição da inatividade familiar na década de 1990 foi confrontada por uma baixa oferta de trabalhos, desembocando em altos índices de desocupação por parte das gerações mais novas.

Em um movimento inverso, o período contou com o incremento da ocupação feminina, o que serviu, na maior parte dos casos, apenas para atenuar o declínio dos rendimentos (Montali, 2006). Assim, debruçadas sobre os efeitos adversos da reestruturação produtiva, as pesquisas assumiram as famílias empobrecidas como objeto privilegiado de análise, visto que fortemente afetadas pela instabilidade ocupacional e pela deterioração dos salários. Os arranjos familiares passaram a ser analisados, então, a partir da posição vulnerável dos novos membros ativos frente ao mercado de trabalho.

Já nos últimos anos, tem sido possível notar o surgimento de uma nova plataforma de estudos, responsável por aprofundar a compreensão da esfera familiar durante experiências de desemprego. Alguns aspectos, como o papel das relações interpessoais no acesso a ocupações, ganharam destaque.

Segundo Guimarães et al. (2010), o desemprego deve ser entendido como um fenômeno multifacetado. Se por um lado suscita uma tragédia pessoal, através do sentimento de culpa, da supressão de recursos e da desestabilização de identidades, por

⁴ Para Sarti (1994), esse aspecto manifestava-se especificamente nas classes populares, objeto de seu estudo.

outro é balanceado por iniciativas que visam remediar situações de incerteza. Como sugerem os autores, certas instituições e mecanismos, como os serviços estatais e as redes centradas na família, terminam por amortecer os riscos que são inerentes à experiência de desemprego.

Seguindo essa linha de pensamento, Guimarães (2009) se dedicou a um olhar mais detido sobre o acesso às oportunidades ocupacionais, verificando a confluência entre as empresas contratantes, os trabalhadores desempregados e os intermediadores de emprego. Para o sucesso dessa confluência, ganha preponderância no Brasil a mobilização de estratégias não mercantis, através de redes privadas de sociabilidade pautadas na família, nas relações de afinidade e em contatos profissionais. Tais redes seriam fundamentais para o conhecimento dos postos de trabalho disponíveis, bem como para a garantia das condições, do *timing* e dos recursos necessários para a competição no mercado de trabalho (Guimarães 2012).

Longe de esgotar as abordagens existentes, o panorama acima permite afirmar que as antigas postulações sobre uma associação necessária entre desemprego e conflitos familiares revelavam limitações, tanto mais evidentes quanto mais se avançava na diversificação de enfoques. Nesse processo, o lugar conferido à família foi sendo gradualmente revisto: de um mero ambiente no qual transpareciam as consequências deletérias do desemprego, a família se torna um objeto sociológico relevante para o entendimento dos repertórios de proteção e alavancagem de recursos, variáveis, de resto, segundo as classes e os regimes de bem-estar.

Nessa nova linha de argumentação analítica, dois aspectos passam a ganhar ênfase. Em primeiro lugar, a forma pela qual indivíduos, unidos por relações de parentesco, mobilizam estratégias de acesso a bens, serviços e oportunidades. E em segundo lugar, a plasticidade dos diferentes modos de organização familiar, tal como conceituado por Goldani (2002). Explorar essa linha de pensamento é, por isso mesmo, o alvo deste artigo, ao discutir como as famílias vivenciam o usufruto diferencial de recursos, uma vez que se vêm desafiadas a fazer frente ao desemprego de um ou mais provedores. Indaga também como elaboram seus projetos de estabilidade ou ascensão socioeconômica quando em face do desemprego e/ou às dificuldades de inserção ocupacional.

Para tal, nos tópicos seguintes analisarei um conjunto de relatos biográficos para

captar as diferentes condições de existência às quais são submetidos tanto os desempregados como os seus parentes. Procurarei evidenciar as valorações e prospecções que acompanham esses discursos orais, detendo-me especialmente em três aspectos: *i)* as dinâmicas de amparo familiar, tanto material quanto afetivo; *ii)* os relatos acerca do desemprego de outros membros da família, com destaque para as suas consequências; *iii)* a mobilização de vínculos familiares para a procura laboral; e *iv)* o desemprego resultante de demandas familiares, notadamente devido ao engajamento em tarefas de cuidado.

Assim sendo, almejo introduzir algumas inovações em relação a estudos anteriores. Como vimos, a maior parte destes se dedicou a analisar grupos com relativa homogeneidade interna, em especial os mais empobrecidos, investigando quais aspectos (atributos, experiências ou relações) os distinguiam. Aqui, ao tratar uma base de dados de grande amplitude, reúno e examino informantes com perfis bastante variados. Com isso, foi possível salientar a marca heterogênea do desemprego, enlaçando os debates nos campos da sociologia da família e do trabalho aos avanços no campo de estudos da estratificação.

Ademais, lanço mão de um particular olhar estatístico. Por esse caminho, me detenho nos repertórios vocabulares evocados nas entrevistas, em uma iniciativa de caráter indutivo e classificatório. Mas antes de adentrar na análise dos dados propriamente dita, o tópico seguinte direciona-se a uma explanação mais precisa do *corpus* que me serve de objeto.

3. Construção do *corpus*

Entre os anos de 2015 e 2016, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) desenvolveu a pesquisa “Radiografia do Brasil Contemporâneo”, voltada à realização de entrevistas biográficas em cidades brasileiras de médio e grande porte. Seguindo um desenho padronizado, as entrevistas se debruçaram sobre indivíduos com perfis socioeconômicos deliberadamente variados, inquirindo aspectos relativos à esfera familiar, ao trabalho, à educação, ao consumo, à religião e às opiniões políticas⁵. Como resultado, logrou-se a construção de um banco de dados com 628 entrevistas transcritas.

⁵ Mais informações podem ser encontradas em Menezes (2018).

Desse banco, selecionei os relatos que abordavam experiências de desemprego, assumindo a definição oficial, a saber, quando indivíduos em idade ativa não possuem trabalho e tomam providências para ingressar em ocupações. Assim, foram identificadas falas nas quais os indivíduos, ao relatarem períodos de desocupação, descreveram e significaram o ambiente familiar. Com esse intento, elaborei um *corpus* próprio, composto por trechos de 246 entrevistas⁶, aglutinando falas que se reportavam ao desemprego, fosse ele vivenciado pelos interlocutores ou por seus familiares.

O *corpus* é composto por 51.36%⁷ de mulheres e 48.37% de homens, com maior frequência de entrevistados com idade entre 25 e 39 anos, atingindo 43.09% do total. Estes últimos são seguidos de perto pelos indivíduos com idade entre 40 e 59 anos (41.06%), e com menor intensidade, pelos indivíduos com idade acima de 60 anos (8.54%) e com idade entre 18 e 24 anos (7.32%).

Refletindo as características do banco de dados total, o *corpus* expressa maior concentração nos níveis intermediário e alto de escolaridade. Portanto, 34.96% dos entrevistados obtiveram diploma do Ensino Médio, enquanto 32.52% tinham uma formação universitária. Já 15.45% detinham o Ensino Fundamental completo, e 17.07% não revelaram qualquer formação educativa, enquadrados no Ensino Fundamental incompleto.

A seguir, a Tabela 1 identifica o local de residência dos interlocutores na época de realização das entrevistas. Prezando pela garantia de comparabilidade, foram utilizadas apenas entrevistas conduzidas em Regiões Metropolitanas, escolha que também se justifica pelo protagonismo dos grandes centros urbanos na circulação de recursos e de pessoas em um dado território, com notória concentração de infraestrutura e de postos de trabalho.

Tabela 1: Quantidade de entrevistas por região metropolitana ou região integrada

Local de residência	Quantidade de entrevistas (total de 246)
Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal ⁸	7.72%

⁶ Para a composição do *corpus*, fiz uso da busca por radicais-chave (notadamente, “desempreg”, “ocup” e “trabalh”), otimizando a localização, em cada entrevista, dos períodos de entrada e saída do mercado de trabalho.

⁷ Todas as porcentagens representam aproximações para duas casas decimais.

⁸ Uma região integrada de desenvolvimento possui as mesmas características de uma região metropolitana, mas inclui mais de uma Unidade Federativa em sua composição.

Região Metropolitana de Natal	10.98%
Região Metropolitana de Recife	15.85%
Região Metropolitana de São Paulo	18.29%
Região Metropolitana de Salvador	7.72%
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	6.5%
Região Metropolitana de Manaus	7.32%
Região Metropolitana de Belém	12.19%
Região Metropolitana de Porto Alegre	13.41%

Fonte: *Corpus* próprio desenvolvido a partir do banco de dados da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo (Ipea, 2016). Elaboração do autor.

É essencial reconhecer que o *corpus* se afasta, em certos aspectos, das características populacionais médias, sobretudo no que diz respeito aos níveis escolares. Como atestam os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C) para o primeiro trimestre de 2016 (data de término das entrevistas), nas regiões metropolitanas o *ranking* educativo era composto pelos indivíduos com Ensino Fundamental incompleto (36.6%), Ensino Médio completo (32.3%), Ensino Fundamental completo (16.3%) e Ensino Superior completo (14.7%). Ou seja, há equilíbrio na faixa escolar intermediária, e desvio nos dois extremos, sub-representando os indivíduos sem Ensino Fundamental e apresentando valores consideravelmente altos para a formação universitária. Em vista disso, reconheço esse desequilíbrio na leitura e interpretação dos resultados.

Desse modo, o *corpus* foi adaptado à leitura de um *software* de análise textual denominado Iramuteq⁹. Já que almejo apreender os léxicos dos entrevistados, excluí as falas dos entrevistadores, bem como não utilizei trechos nos quais os interlocutores repetiam, apenas em concordância, as palavras evocadas pelos pesquisadores de campo. Com o *corpus* já formatado, realizei apenas dois ajustes: eliminei as variações de grafias que marcam a oralidade, visto que estas acarretariam leituras diferentes pelo *software*¹⁰; e

⁹ O Iramuteq, ou Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Interface de R para Análise Multidimensional de Textos e Questionários), é um *software* gratuito e aberto que foi criado em 2008 por Pierre Ratinaud. É distribuído sob os termos da licença GNU GPL (v2), e está ancorado no software R e na linguagem *python*. Incluído em 2013, o dicionário em português atualmente é reconhecido como robusto e confiável. Sobre os ajustes necessários à leitura do *corpus*, ver Camargo e Justo (2013).

¹⁰ A depender do tema, a manutenção de tais variações seria o mais adequado, como para verificar as pronúncias de palavras por diferentes grupos. Mas como aqui o centro da análise reside no conteúdo das palavras, e não em sua forma, optei pela padronização das grafias.

excluí os nomes de cidades que eram evocados pelos entrevistados de maneira recorrente, visto que afetavam, em testes iniciais, os resultados da análise¹¹.

Por conseguinte, o *corpus* da pesquisa passou a ser composto pelos trechos das 246 entrevistas, e cada entrevista, aglutinando trechos dos discursos orais dos interlocutores, foi categorizada por sexo, faixa etária e escolaridade¹².

4. Fundamentos e parâmetros da Classificação Hierárquica Descendente

Neste tópico, apresento a técnica adotada na análise dos dados, iniciando por algumas informações sobre sua origem.

Na década de 1950, o linguista Zellig Harris introduziu uma nova abordagem na análise de dados textuais. Em seu entendimento, os discursos, tanto orais quanto escritos, deveriam ser examinados a partir da distribuição de suas menores unidades identificáveis, os morfemas. Ao centrar esforços no aspecto estrutural da linguagem, a proposta de Harris (1952) era fortemente marcada por uma preocupação formal, vinculada às possibilidades combinatórias na formação de enunciados. Portanto, se os significados particulares dos vocábulos perdiam importância, a ocorrência e a interação entre os morfemas assumiam espaço de destaque na linguística de matriz distribucional (Harris, 1952).

Dialogando com a perspectiva harrissiana, o estatístico Jean-Paul Benzécri desenvolveu na década de 1960 o método conhecido como Análise Fatorial de Correspondências, que se associa à análise formal da linguística distribucional. Voltado inicialmente à criação de um método indutivo para a análise de dados textuais, Benzécri (1977) se dedicou à criação de testes matemáticos que permitiriam verificar a distribuição contextual dos vocabulários. Como sustenta Beaudouin (2016), tal proposta se assentou na

¹¹ Tomei essa medida porque a evocação não foi controlada na condução das entrevistas, sendo impossível mensurar o grau de relevância das cidades através da técnica estatística adotada. Sem a exclusão, entrevistas com conteúdo bastante discrepante seriam entendidas como próximas, apenas por suscitarem o nome de grandes capitais, em especial Rio de Janeiro e São Paulo.

¹² A variável “raça” não foi incluída por uma característica do banco de dados: nas transcrições de cada entrevista, o pesquisador era instado a marcar, a respeito do interlocutor, tanto a auto quanto a hétero declaração racial. No entanto, esse questionário básico, que inclui todas as informações do entrevistado, não se encontra presente em todas as transcrições, o que me levou a utilizar um documento específico produzido pelo Ipea, a fim de sintetizar o perfil dos entrevistados. Todavia, neste consta apenas a hétero declaração racial, o que me levou a não utilizar o dado, já que não existem garantias de padronização a respeito dessa classificação

gradual conversão dos dados brutos em abstrações quantitativas, pautadas na interação entre variáveis do tipo categórico.

De maneira sintética, Benzécri (1992) logrou a conversão dos dados textuais em tabelas de contingência, representando o cruzamento entre linhas (variáveis, como vocábulos) e colunas (observações, como em documentos ou discursos). Além de criar um algoritmo capaz de realizar tal análise, inscrevendo as variáveis em um plano fatorial a partir da distância distribucional (*distance distributionnelle*), o autor inovou ao defender a utilização de *softwares* computacionais na análise linguística. Em complemento, Benzécri (1977) sustentou a importância heurística da classificação, também assentada em uma abordagem indutiva¹³.

Já no final da década de 1970, o sociolinguista Max Reinert desenvolveu o método conhecido como Alceste (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*), um prolongamento das proposições de Harris e Benzécri¹⁴. No entanto, em um afastamento para com a linguística distribucional harrissiana, Reinert (1990) não objetivou verificar a combinação entre morfemas em estruturas sintáticas, mas examinar a ocorrência de vocábulos em diferentes enunciados, tratados aqui como unidades de contexto (*unités de contexte*). Em suma, o autor argumenta que a escolha de palavras na veiculação de discursos, independentemente da organização particular das frases, traduziria a manifestação de visões de mundo subjacentes.

Um conteúdo textual assim concebido, além de traduzir representações singulares sobre um tema, reporta-se em última instância a quadros perceptivos e cognitivos com relativa coerência interna (Reinert, 1987). A partir do tratamento estatístico e classificatório de uma grande quantidade de enunciados, caberia ao analista verificar as regularidades na distribuição vocabular, a partir da busca por parâmetros explicativos. Segundo Reinert (1987, p. 55, tradução minha), tais regularidades seriam entendidas como derivadas da “estrutura social da população”, visto as condições “psíquicas, sociais, culturais e narrativas” que se vinculam à produção dos enunciados.

É com esse entendimento que o autor introduz a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), uma técnica capaz de cindir um *corpus* textual a partir da ocorrência

¹³ Segundo o autor, a partir da agregação dos pontos em um plano fatorial, embasada na maximização da distância x^2 entre classes e na minimização da distância x^2 intraclasses (BENZÉCRI, 1977).

¹⁴ Benzécri foi professor de Reinert no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).

vocabular. Para isso, inicialmente as palavras são lematizadas, ou seja, convertidas em suas formas reduzidas¹⁵, maximizando o potencial de agregação e comparação. Em seguida, os dados textuais são inscritos em tabelas de contingência, cruzando as linhas (enunciados) com as colunas (vocábulos). Aqui, nota-se uma diferença em relação aos escritos de Benzécri: se para este as tabelas deveriam conter a frequência das palavras em um conjunto de observações, em Reinert (1987; 1990) anotam apenas a existência (marcada com o número 1) ou ausência (0) dos vocábulos em cada unidade de contexto. Em tais tabelas, o método visa agrupar os enunciados com ocorrências vocabulares semelhantes, através de sucessivas bipartições.

Neste trabalho, utilizei uma versão mais atual do algoritmo da CHD, a partir das sugestões de Ratinaud (2018). O primeiro passo consiste em dividir a tabela total do *corpus* em duas, visando a realização de testes χ^2 em cada sub-matriz resultante. Assim, torna-se possível mensurar a distância entre a quantidade de ocorrências em cada vocábulo (qo)¹⁶ e a quantidade esperada de ocorrências em caso de confirmação da hipótese nula (qe)¹⁷. Sob esses termos, a fórmula pode ser expressa da seguinte forma:

$$\chi^2 = \frac{\sum(qo - qe)^2}{qe}$$

Em seguida, o valor do teste é dividido pelo número total de ocorrências na matriz (N), representando a soma ponderada das distâncias χ^2 (Guedes et al, 1999). Desse modo, o algoritmo seleciona uma bipartição nas quais as tabelas resultantes maximizam os valores finais. Cada linha em seguida é “trocada” entre uma tabela e outra, e repetindo-se os cálculos, são conservadas as alterações que originam valores superiores para o teste. Finalmente, os vocábulos pouco representativos¹⁸ são suprimidos.

¹⁵ Partindo dos radicais, com verbos no infinitivo e substantivos e adjetivos na inflexão singular e masculina.

¹⁶ Nas tabelas resultantes, os valores de ocorrência para cada vocábulo são somados. Ou seja, se três segmentos de texto apresentam a palavra “trabalho”, a célula destinada a esse vocábulo passa a ter valor “3”. Com isso, são realizados os cálculos do χ^2 a partir da comparação entre as frequências observadas e as frequências esperadas.

¹⁷ As frequências esperadas são números hipotéticos, como estimativas para as frequências em caso de independência entre as variáveis. São calculadas a partir da multiplicação do total das frequências em uma linha pelo total das frequências em uma coluna, dividido pelo tamanho total da amostra.

¹⁸ A partir de resultados do próprio teste χ^2 .

Após esses procedimentos, mensura-se um índice de homogeneidade (C) em cada partição, e as tabelas com menores resultados (ou seja, mais heterogêneas) são alvo de novas divisões. A iniciativa inclui o número total de ocorrências na matriz (N) e os atributos da tabela de contingência:

$$C = x^2 \cdot \left(\frac{N}{(\text{número de linhas} \cdot \text{número de colunas})} \right)$$

Os cálculos anteriores são realizados até que uma dada quantidade de classes terminais seja obtida, sendo este um parâmetro variável que comumente é escolhido pelo pesquisador a partir de testes exploratórios.

Finalmente, é possível calcular o valor do x^2 para a associação entre cada palavra e as classes resultantes. Para isso, leva-se em conta o cruzamento entre os vocábulos, inscritos em linhas nas tabelas de contingência e aferidos por meio das suas frequências absolutas; e as classes, contrastando uma classe sob exame e todas as outras tomadas em conjunto (Pélissier, 2017). Igualmente, é lícito cruzar as classes com as características das unidades de contexto, que sintetizam, no caso desta pesquisa, o perfil dos entrevistados. Sendo que o x^2 e os graus de liberdade¹⁹ definem um valor- p , usualmente uma associação entre variáveis é considerada significativa quando tal índice é inferior a 0.05²⁰, assim como adotado em todos os cálculos deste artigo.

Ao reconhecer os procedimentos acima como ajustados aos objetivos aqui manifestos, especifiquei como léxicos ativos os substantivos, verbos, adjetivos e as “formas não reconhecidas” (que no caso deste estudo, atingiram as palavras hifenizadas)²¹. Finalmente, foram atribuídas 8 classes terminais na Fase 1 da classificação, escolha tomada a partir de testes exploratórios, evitando uma fragmentação excessiva dos léxicos e visando um bom aproveitamento das ocorrências.

Uma particularidade desta pesquisa é digna de nota. São mais recorrentes os estudos que assumem os enunciados como independentes entre si, restringindo os testes

¹⁹ Quantidade de linhas menos 1, dividido pela quantidade de colunas menos 1: $gl = (l - 1) / (c - 1)$.

²⁰ Ou seja, há uma chance de 5% de ocorrer o erro do Tipo I, quando uma hipótese nula é verdadeira, mas acaba sendo rejeitada.

²¹ Os léxicos ativos são os que servem de base para os cálculos.

estatísticos às frases delimitadas por pontuação. Em contrapartida, optei por tomar as entrevistas enquanto unidades de análise, compreendendo o discurso de cada indivíduo como dotado de relativa coerência interna. Os cruzamentos em tabelas de contingência levaram em conta, então, a presença ou ausência dos léxicos em cada entrevista, seguindo de resto os parâmetros já explicitados. Como foi possível observar em testes iniciais, a classificação por enunciados privilegia um levantamento temático (quais os principais assuntos evocados nas falas), enquanto que a análise por entrevistas elucida as diferenciações de conteúdo (como, no cerne de cada temática, ocorrem experiências pessoais distintas). As potencialidades desta última abordagem, mais afinadas à pesquisa, justificam a sua escolha.

Como veremos, a iniciativa permitiu chegar a um modelo de estratificação do desemprego, ancorado nos discursos orais. Então, uma vez examinados a partir de seus vocábulos, os relatos evocam o acesso diferencial a bens e serviços, sejam eles formais ou informais, mercantilizados ou por circuitos de reciprocidade. Como saldo, as classes lexicais terminam por aglutinar ou contrastar correlatos importantes da situação de desocupação, subsidiando reflexões sobre as experiências de entrada e saída do mercado de trabalho.

5. As classes lexicais

A CHD foi exitosa em classificar 85.37% das 246 entrevistas presentes no *corpus*, anotando 2.855 formas vocabulares (1.620 delas ativas) e 25.089 ocorrências. Como resultado de sucessivas bipartições, foram produzidos dois grupamentos: um formado pelas classes 2 (abarcando aproximadamente 22.4% das entrevistas) e 3 (também com 22,4%), e outro pelas classes 1 (29.5%) e 4 (25.7%).

A Tabela 2 contém os 30 vocábulos que revelaram, para cada classe, os maiores valores para o teste χ^2 , informados entre parênteses²². Vale lembrar que todas as palavras, em ordem decrescente de importância, expressaram valor- $p < 0.05$. Seguindo esses parâmetros, as classes 2 e 3, integrantes da primeira ramificação, não apresentaram

²² A comunicação de todos os léxicos, bem como da totalidade das estatísticas textuais, mostrou-se incompatível com o tamanho do artigo. No entanto, para sanar dúvidas ou para prover maiores informações, o autor se coloca à disposição, através do e-mail comunicado, para repassar o arquivo de análise completo.

vocábulos suficientes para preencher a tabela em sua totalidade.

Tabela 2: Palavras mais representativas de cada classe lexical, χ^2 entre parênteses

Classe 2	Classe 3	Classe 1	Classe 4
Casar (16.61)	Primo (27.64)	Comer (25.35)	Bolsa (25.83)
Barraca (14.14)	Estágio (14.14)	Dinheiro (17.14)	Manter (22.12)
Tomar (13.26)	Casado (10.56)	Mês (16.64)	Financeiro (21.94)
Mulher (13.16)	Falir (10.56)	Viver (15.82)	Concurso (19.13)
Colocar (10.62)	Advogado (10.56)	Ganhar (15.82)	Estudar (16.71)
Velho (10.62)	Amigo (10.43)	Comprar (14.16)	Período (16.18)
Engravidar (10.03)	Escritório (10.03)	Água (12.23)	Termo (14.8)
Dormir (9.79)	Cidade (10.03)	Desempregado (11.17)	Estabilidade (14.8)
Salão (9.79)	Aposentar (9.79)	Dia (10.64)	Alto (14.8)
Montar (9.79)	Vir (7.51)	Necessidade (10.52)	Oportunidade (13.74)
Interior (9.79)	Empresa (7.51)	Bolsa_Família (9.73)	Correr (13.65)
Virar (7.71)	Educação (6.97)	Casa (9.32)	Estudo (13.34)
Dono (7.71)	Ano (6.63)	Pagar (9.08)	Situação (12.91)
Apertado (6.97)	Volta (6.5)	Pegar (9.05)	Profissão (11.78)
Cunhado (5.04)	Ligar (5.96)	Tirar (8.59)	Infância (11.78)
Passar (4.87)	Arrumar (5.87)	Pedir (8.44)	Fato (11.78)
Morar (4.87)	Procurar (5.52)	Renda (8.44)	Familiar (11.78)
Filho (4.17)	Entrar (5.48)	Sobrinho (8.27)	Seguro_desemprego (11.78)
Doente (4.17)	Avô (5.04)	Luz (8.27)	Público (11.78)
Bar (4.17)	Próprio (5.04)	Pão (7.27)	Cobrar (11.78)
	Indicar (5.04)	Féria (7.27)	Parar (11.68)
	Tio (4.86)	Mexer (7.27)	Passo (10.73)
	Curso (4.68)	Humilde (7.27)	Tranquilo (10.73)
	Formar (4.61)	Telefone (7.27)	Crise (10.58)
	Prefeitura (4.17)	Momento (6.83)	Área (10.58)
	Conseguir (3.95)	Grande (6.83)	Começo (10.58)
		Dar (6.73)	Acabar (9.94)
		Levar (6.49)	Dificuldade (9.31)
		Olhar (6.41)	Viagem (8.79)
		Feira (6.27)	História (8.79)

Fonte: *Corpus* próprio desenvolvido a partir do banco de dados da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo (Ipea, 2016). Elaboração do autor.

Pela simples visualização, é possível notar alta heterogeneidade entre as calasses. Ao pensarmos na experiência de desemprego, e tomando a família como referência discursiva, a primeira ramificação (classes 2 e 3) opõe a empresa e a barraca, bem como a advocacia e o salão. Já a segunda ramificação (classes 1 e 4) contrasta a necessidade e a estabilidade, antagonizando ainda a insegurança alimentar e a preparação para concursos públicos. Porém, para um tratamento mais acurado dessa classificação indutiva, outros expedientes mostram-se necessários.

A próxima etapa consiste em inserir os léxicos em um plano cartesiano, assim como demonstrado no Gráfico 1 ²³. Representando uma Análise Fatorial de Correspondência (AFC), nele o tamanho das palavras condiz com os valores do teste χ^2 para as classes, enquanto que a definição das coordenadas advém da chamada distância distribucional. De acordo com Benzécri (1992), esta é definida pelo seguinte cálculo²⁴:

$$d^2(L1, L2) = \sum \left\{ \frac{(f^{L1i} - f^{L2i})^2}{fi} \right\}$$

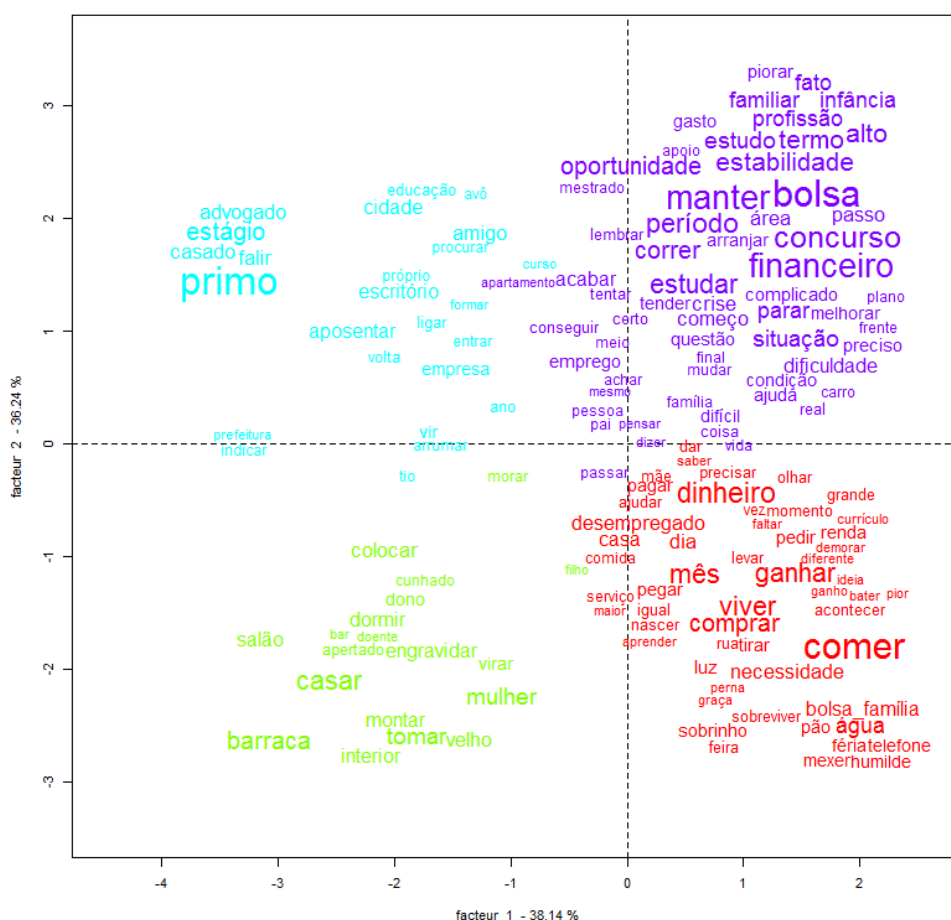
Em decorrência, a ramificação composta pelas classes 1 (vermelho) e 4 (roxo) localiza-se à direita do plano, enquanto que as classes 2 (verde) e 3 (azul-claro) encontram-se no lado contrário.

Gráfico 1: Tratamento dos léxicos e das classes a partir da Análise Fatorial de Correspondência

²³ No gráfico, constam os léxicos que, em associação com as classes, apresentaram valores para o teste χ^2 iguais ou superiores a 4. Já que o Iramuteq não permite números decimais, este valor é o que mais se aproxima dos valores mínimos do χ^2 encontrados na composição das classes, evitando que palavras sem associação significativa fossem incluídas. No entanto, três palavras apresentaram valores inferiores a 4 para o χ^2 e, mesmo assim, revelaram valor- $p < 0.05$: “saber” e “abrir”, na Classe 1; e “ano”, na Classe 2.

²⁴ A distância distribucional, entendida por Benzécri (1992) como a soma dos quadrados da diferença das coordenadas, é calculada da seguinte forma: entre dois léxicos $L1$ e $L2$, definidos por colunas em uma tabela de contingência, anotam-se os valores referentes ao cruzamento com as unidades de análise, no caso as entrevistas, definidas por linhas (i). Para cada cruzamento, é contabilizado o quadrado da diferença dos valores entre os léxicos (a diferença é representada por $f^{L1i} - f^{L2i}$, sendo f^{L1i} o valor obtido para o léxico $L1$ na linha i). Em seguida, o resultado é multiplicado por um coeficiente que deve contemplar o princípio da equivalência distribucional, assumindo o valor de $1 / fi$ (sendo fi a soma dos valores de todos os léxicos na linha i). Ao analisar a tabela em sua totalidade, a distância ao quadrado entre os léxicos $L1$ e $L2$, já que direcionada a uma dupla resposta para cada cruzamento, é assim representada.

(AFC)



Fonte: *Corpus* próprio desenvolvido a partir do banco de dados da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo (Ipea, 2016). Elaboração do autor.

No Gráfico 1, as linhas tracejadas delimitam os diferentes temas lexicais. A cisão vertical (denominada Fator 1) comunica dois grandes assuntos nas entrevistas, ao dividir os lados direito e esquerdo do plano: se os vocábulos do primeiro evocam aspectos da vida familiar, privilegiando as atividades do dia a dia e o acesso a bens, os do segundo reportam períodos de entrada e saída do mercado de trabalho.

Dedicadas a este último tema, as classes 2 e 3 evidenciam as iniciativas de inserção laboral, bem como os motivos para a saída de postos de trabalho. Por seu turno, as classes 1 e 4 tocam mais profundamente no cotidiano dos indivíduos e de seus parentes, levando em conta a supressão de recursos e os reordenamentos dos investimentos pessoais e familiares.

Em complemento, a cisão horizontal (Fator 2), que aparta os espaços superior e inferior do plano, está vinculada à quantidade de recursos envolvidos. Este fator é útil, sobretudo, para contrastar cada ramificação de classe.

Visando um tratamento mais acurado a esse respeito, nos dois tópicos seguintes – “desemprego e vida familiar” e “família e inserção laboral” – me deterei nos pares lexicais evidenciados no Fator 1, apontando como os mesmos são atravessados pelo Fator 2. Desse modo, buscarei analisar como as temáticas presentes no *corpus* são evocadas a partir da circulação diferencial de recursos, revelando experiências bastante díspares de desemprego. Para enriquecer a análise, realizarei testes χ^2 adicionais, para avaliar a associação entre as classes e os diferentes perfis de entrevistados. Dentre as categorias utilizadas, a escolaridade foi a única que se revelou significativa para todas as classes, daí o destaque que terá nos próximos passos do artigo.

Ademais, com vistas a observar o aspecto semântico da linguagem, de difícil acesso apenas pela constatação das ocorrências, um olhar mais atento se dirigirá às falas, evocando trechos entendidos como relevantes para a contextualização dos léxicos. Durante a apresentação de cada classe, serão privilegiados os léxicos com maior poder explicativo, e cujos sentidos foram minimamente compartilhados pelos entrevistados, evitando a utilização de palavras com grande pluralidade semântica, o que prejudicaria a comparabilidade intra e interclasses.

6. Desemprego e vida familiar

Como demonstrado no Gráfico 1, o lado direito do nosso “mapa” está apartado em diferentes polos de condições de existência, revelando como a esfera familiar é afetada pela perda do trabalho, ou se organiza em decorrência desta.

Os léxicos da Classe 1 localizam-se no lado inferior do plano, descrevendo a obstrução no acesso a recursos básicos, em especial no tocante à moradia e à alimentação. Desse modo, ganham espaço palavras como “comer” e “sobreviver”, da mesma forma que as entrevistas listam os gastos domiciliares, como em “pagar”, “água”, “pão” e “luz”.

Ainda que sejam anotadas redes de troca entre parentes, a Classe 1 assume os contornos da precariedade e da escassez, reunindo léxicos nos quais as demandas

familiares mais fundamentais não são percebidas como garantidas, mas passíveis de disputa cotidiana. Tal disputa direciona-se especialmente à dimensão material do cotidiano, como observado em “ganhar”, “faltar”, “renda” e “dinheiro”, enfatizando também sua interface com o Estado, a partir do usufruto de benefícios socioassistenciais (“Bolsa_Família”).

Cabe demarcar que as dificuldades de inserção laboral ultrapassam períodos circunscritos da vida pessoal, acompanhando o curso das biografias, da mesma forma que extrapolam os limites da experiência individual, provocando o surgimento de redes de desempregados.

Porque o meu aperreio todinho, vou te dizer agora, é faltar dentro da minha casa alimentação, né? Porque a gente somos tudo já grande, a gente come, né? Não é aqueles comer pequenininho, de criança né? [...] Sem emprego, sem renda, só o Bolsa Família, que é fixo, mas qualquer hora pode perder, está entendendo? Que eles [filhos] já estão ficando tudo grande, essas coisas [...] [o que seria uma vida difícil] Acho que é estar como eu estou, sem casa, de aluguel, só no Bolsa Família, pensando dia e noite no que vai ser e ter hoje e amanhã. Às vezes eu peço esmola porque não tem jeito, quando eu peço eu estou dizendo pra mim e pro povo que fracassei, né?
Mulher, 44 anos, Ensino Fundamental incompleto, Natal (RN)

Quando um estava empregado, o outro [marido] estava desempregado, fia. Revezando, sempre assim, sempre assim, sempre assim. Quando ele estava trabalhando, estava desempregada, então a gente teve assim, uma vida de muita dificuldade [...] mas é como eu estou falando pra você assim, quando um não está desempregado, outro. Então o dinheiro que você tem, você vai investir em que? Você vai investir no barraco? Você vai investir nos filhos, vai dar comida pros filhos.
Mulher, 49 anos, Ensino Fundamental completo, São Paulo (SP)

É, o pior é eu sozinho, né? Que minha mulher não está trabalhando mais, né, meu, ela não está trabalhando. Ela está desempregada. Meu enteado também, né, que eu tenho outra mulher, um enteado também está desocupado, não tem como trabalhar. Então eu vou vivendo a vida, então pago um, pego outro, pago outro, e assim vou pagando. Água, luz, isso aquilo e aquilo outro, daí o negócio do telefone, tudo. Eu mando guardar. Deixo guardado, deixa guardado. Quando precisar, a gente, né, a gente gasta só um pouquinho.
Homem, 53 anos, Ensino Fundamental incompleto, São Paulo (SP)

[sobre o desemprego do pai] É, foi um momento meio delicado. Minha mãe trabalhando pra caramba. Foi isso. Aí eu já trabalhava, ajudava, sei lá, de uma forma, com comida, às vezes ganhava um vale_alimentação, aí eu dava pra minha mãe pra comprar comida.
Homem, 36 anos, Ensino Médio completo, Rio de Janeiro (RJ)

No que diz respeito às estratégias familiares de acesso a recursos, os relatos pautam-se por uma temporalidade imediata, sendo o “mês” a mais recorrente unidade de referência. Além de evidenciar a preocupação com as despesas, tal aspecto revela a limitada eficácia das entreajudas, que exprimem uma tentativa de “sobreviver” em meio a um cenário econômico adverso. Então, entre o “pedir” e o “ajudar”, como consequências do “precisar”, buscam o acesso a oportunidades de trabalho e operam a circulação difusa

de “currículos”.

Eu disse, “mano, é que a minha família é muito grande e nós estamos sofrendo muito. Saiu eu e mais dois irmãos e nós viemos pra cá, e nós estamos precisando da tua ajuda. Eles são de maior, mas eu não sou. E eu preciso de trabalho pra mim poder mandar um dinheiro. Meu irmão, eu estou lhe falando a verdade, porque eu quero trabalhar”.

Homem, 52 anos, Ensino Fundamental incompleto, Manaus (AM)

Eu não estou trabalhando mais, está só o meu marido, mas está ruim de trabalho. Ele trabalha na oficina ajudando, está aprendendo ainda a mexer em carro, a consertar, aí o dono só chama e paga quando tem mais serviço, aí é mês com mais, é mês com menos dinheiro. Se tivesse a casa mudava muito, porque o que a gente tem não dá pra muita coisa, ou você paga o aluguel e come, ou não faz nada, não dá pra fazer outra coisa [...] quero trabalhar pra ajudar, ter minha condição, comprar as coisas pro meu filho, sair do aluguel. Pode até parecer pecado, Deus me perdoe se eu estiver pecando, mas você levar uma vida só de ter condição, morar e comer, não é vida, porque vocês só conseguem isso e mal, sofrendo, pedindo emprestado, sem perspectiva, ah sei não, viu. A gente fica sobrevivendo como se estivesse numa guerra.

Mulher, 26 anos, Ensino Fundamental completo, Natal (RN)

Assim, até porque muito da maioria das vezes a minha mãe ela estava desempregada, não tinha o que comer às vezes, entendeu? Ai esse foi o aperto que deu [...] hoje em dia uns [irmãos] não trabalham, outros são desempregados. Às vezes muitos deles chegam pra mim e, “leva meu currículo lá pra empresa onde tu trabalhava, ver se podem me chamar”.

Homem, 27 anos, Ensino Médio completo, Olinda (PE)

Vale notar que o apoio familiar assume um caráter bastante limitado, concentrando-se nas demandas emergenciais. Se por vezes a solidariedade intergeracional é capaz de prover as necessidades básicas, outras vezes o desemprego aparece como um obstáculo incontornável. Além disso, a maternidade (“nascido”) assume posição de relevância, como uma experiência fortemente afetada pelas incertezas do desemprego.

Então agora, como eu estou desempregada, faz 2 meses que eu estou só pra ela [filha]. Mas meu marido estava desempregado, era autônomo, às vezes tinha, às vezes não, e criança precisa de fralda, e eu consegui dar de mamar só 15 dias.

Mulher, 37 anos, Ensino Fundamental completo, Alvorada (RS)

Não, eu tive que parar né, engravidei, quando Pedro nasceu e eu fui atrás de emprego ele estava com 6 meses de vida e muitas empresas não me queriam, disse que ele era muito novinho [...] faz 3 anos. 3 anos que eu não trabalho, desde que o meu filho nasceu.

Mulher, 35 anos, Ensino Médio completo, Recife (PE)

E nessa época que a Fernanda nasceu eu estava desempregada. Então fui pra casa da minha mãe [...] olha, financeiramente foi muito difícil. O início, então, foi complicado demais, porque eu, desempregada, vivia dependendo dos outros [...] olha, quem me ajudou muito foi o padrinho da Fernanda. Ele me ajudou muito, entendeu? [...] Ele me ajudou bastante. Ele comprava tudo pra Fernanda, fazia tudo.

Mulher, 51 anos, Ensino Médio completo, Rio de Janeiro (RJ)

Já os vocabulários da Classe 4, situados na posição vertical oposta do plano cartesiano, associam o desemprego a outros desafios cotidianos. A partir desta classe, a vida familiar passa a ser associada ao suporte material e à projeção do indivíduo para

ocupações entendidas como adequadas. Pelo teste χ^2 , é possível confrontar os níveis educativos que mais representam cada classe. Como resultado, chama atenção uma associação significativa entre a classe anterior (Classe 1) e o Ensino Fundamental incompleto, enquanto que verifica-se o mesmo para a Classe 4 e o Ensino Superior Completo (ambos com $p < 0.01$). Decerto, a escolarização mais avançada se mostra indispensável para a compreensão desta última.

Na Classe 4, nota-se a tentativa de “manter” as despesas individuais ou domiciliares durante a privação do trabalho, ainda que o insucesso dessa empreitada não traga riscos à sobrevivência do grupo. Com isso, a ameaça à “estabilidade” representa um ponto de inflexão nos discursos, cujas oscilações a nível “financeiro” (que podem “piorar”, em momentos “complicados” ou de “dificuldade”) demandam o ato de “correr” atrás. Também cabe demarcar que, em trajetórias nas quais estão assegurados os recursos básicos, o mapeamento das “oportunidades” faz parte do plano das escolhas.

Vários benefícios que a gente tinha, por conta de ter uma estabilidade financeira na infância, foram abandonados, diminuídos. Eu lembro bastante de algumas ocasiões, meus pais chamando e falando, olha, daqui pra frente vai ser diferente. A gente chegou a ter motorista, não ia ter mais. Tinha duas empregadas, ia ter só uma.

Homem, 36 anos, Ensino Superior completo, São Paulo (SP)

Não, porque assim, quando ele estava na obra, a gente tinha um padrão bem mais alto, e essa entressafra, de ir para uma obra, para outra, que é normal, o padrão já caía. [se faltava algo em casa] Que eu me lembre, não, até porque minha mãe também trabalhava. Era só essa questão que tinha. Aquela pessoa que é funcionário de uma empresa privada e que tem essa tensão, que você não tem a estabilidade de um funcionário público, de que você sabe que você dorme, acorda, e o emprego está lá, do mesmo jeito.

Mulher, 30 anos, Ensino Superior completo, Jaboatão dos Guararapes (PE)

Depois que eles [pais] se separaram que ela [mãe] começou a trabalhar. Porque aí pelas condições financeiras que pioraram [...] quando estava beirando 1 ano elas [antigas empregadoras] vieram me dizer que eu tinha que sair porque elas tinham vendido a farmácia. E que elas não iam me devolver nenhum centavo. Aí eu comecei a correr atrás para conseguir outro lugar. Não podia deixar as gurias desempregadas

Mulher, 37 anos, Ensino Médio completo, Porto Alegre (RS)

Não é que eu vou poder ficar para sempre sem trabalhar, eu preciso, inclusive por uma questão pessoal, psicológica, voltar a trabalhar. Porque eu já estou me sentindo mal de estar dentro de casa, sabe? Mas também financeiramente, faz falta a grana, é foda para mim, é muito foda. A minha mãe já está mantendo a casa, está me bancando [...] mas eu posso, eu já estou há 4 meses sem trabalhar e se eu tiver que ficar mais 1 ou 2 ou 3 ou 5, vai rolar, entendeu? Porque eu não vou passar fome. Eu conheço muitas pessoas que não podem se dar esse luxo. E eu não estou trabalhando ainda porque eu já procurei trabalho, mas as oportunidades que apareceram para mim não eram interessantes, e eu pude me dar o luxo de recusar.

Homem, 30 anos, Ensino Superior completo, Recife (PE)

Em decorrência do desemprego, notam-se mudanças nos padrões familiares de

consumo, especialmente em momentos de “crise” econômica. Por conseguinte, “gastos” suplementares e não imperativos, como uma “viagem”, são momentaneamente suspensos, da mesma forma que as características habitacionais (“apartamento”) tendem a distanciar-se das entendidas como ideais. Em tal classe lexical, também merece realce o acesso ao “seguro_desemprego” e a “bolsas”, que respectivamente decorrem do caráter formal de empregos anteriores e do engajamento educativo.

Mas pro estilo de vida que a gente queria ter, não em termos de bens materiais, mas o gasto corrente que a minha mãe tinha, teve uma época, que foi mais difícil, principalmente porque o meu pai passou boa parte desse período desempregado, acho que teve um hiato de uns 8 anos que ele ficou desempregado, na época do FHC. Começa que são 3 crianças, roupa até era mais tranquilo, eu era o rei de herdar roupa, mas tem que ter um apartamento com pelo menos 3 quartos, por muito tempo era um quarto só, aí depois a minha irmã cresceu e precisou ter um quarto pra ela. Além de tudo colégio, e era colégio bom, e esses gastos sempre foram, vão ficando cada vez mais onerosos, ainda mais com uma pessoa só trabalhando, mas são escolhas, se a gente tivesse diminuído em alguns aspectos, o dinheiro teria sido utilizado pra outras coisas, porque a gente sempre estudou muito, mas a gente nunca fez uma viagem em família como as histórias que eu tenho, nunca teve viagem pra Disney, no fim o dinheiro que faltava era pra essas coisas que são mais ou menos supérfluas.

Homem, 29 anos, Ensino Superior completo, Porto Alegre (RS)

Não dá pra ficar num apartamento que é realmente caro pra quem está desempregado, atualmente eu ainda consigo manter isso, a minha parte da divisão dos gastos entre meus pais, porque eu estou com seguro_desemprego. Mas em abril ele acaba, em abril é 1100 reais a menos. E aí eu só vou ficar com a bolsa. Com a bolsa de 600 reais eu não vou conseguir manter aluguel e manter os gastos que a gente acaba tendo, com transporte pra vir pra UFBA, com alimentação. Eu só saio de casa, almoço muito cedo pra estar lá uma hora. E aí mesmo que eu leve lanche de casa, tem um custo desse lanche. Então manter esses gastos não vai ser viável com esse valor.

Homem, 24 anos, Ensino Superior completo, Salvador (BA)

De maneira geral, as falas expressam o papel do suporte familiar, especialmente dos mais velhos aos mais jovens, em amortecer os efeitos adversos do desemprego. Esse “apoio” permite a dedicação pessoal a atividades que escapam de uma tentativa mais imediatista de inserção laboral, aspecto que sintetiza a experiência do desemprego em estratos mais escolarizados. Já o léxico “cobrar” revela tanto sua afirmação, como uma interferência externa às trajetórias, quanto sua negação, anotando-se falas que ressaltam a desobrigação do indivíduo em prover rendimentos.

E aí eu comecei a pensar em fonte de renda, eu preciso de fonte de renda, eu preciso de fonte de renda, o que é que eu vou fazer? Engraçado que eu tinha, falando com você eu lembrei agora disso, eu tinha pedido apoio pro meu pai na parte que eu tinha ficado sem trabalhar, para ele me ajudar com os livros. E aí ele disse, “e aí minha filha, como é que você está, o que você está achando?”. Eu disse, “pai é o seguinte, eu estou estudando para concurso e o meu limite são 3 anos, se em 3 anos eu não passar eu vou abrir o meu escritório”.

Mulher, 37 anos, Ensino Superior completo, Natal (RN)

Já teve um tempo que eu fiquei sem trabalhar, mas minha mãe nunca me cobrou um centavo,

então é tranquilo.

Homem, 22 anos, Ensino Médio completo, Salvador (BA)

Só que durante esses 7 meses desde o começo do ano, a área dele [ex-companheiro] aqui é muito, muito difícil entendeu? E ele não queria fazer outra coisa, ele só queria fazer o que ele queria, o que ele gostava de fazer, esses trabalhos, então eu vi que começou a ficar meio que inviável, assim, eu não conseguia visualizar uma relação a longo prazo com uma pessoa que, tipo, no aperreio não ia dar conta. Então foi isso que pesou muito [...] é, aí eu vivia, só vivia mais cobrando, eu passei assim de uma posição, assim, de amável cuidadora de mais, de cobrança, a chata, e eu não queria mais ser assim.

Mulher, 31 anos, Ensino Superior Completo, Natal (RN)

O suporte familiar, elemento que se destaca nos discursos, pode ser direcionado tanto a experiências educativas, como em “estudar” e “mestrado”, quanto ao ingresso laboral planejado, como em “concurso”. Importante ressaltar que tais iniciativas assumem uma temporalidade expandida, baseada em investimentos pessoais e familiares a longo prazo, ancoradas na circulação de recursos e no apoio afetivo.

Como tentei o mestrado e acabou não dando certo, como vou tentar novamente e tentar fazer concurso, ver as oportunidades que surgem pra me preparar, e pensando que eu tenho um prazo na minha cabeça que eu criei pra conseguir dar conta disso [...] Ao mesmo tempo ela [mãe] é muito carinhosa comigo e muito parceira, por dizer “eu sei que você quer estudar e eu apoio que você continue estudando, que você continue tentando, se você quer estudar pra concurso, se você quer estudar pra o mestrado, continuar estudando na universidade” [...] E também tenho recebido muita ajuda, das pessoas que estão perto de mim, de parentes mais distantes, mas que me ajudam de uma certa forma e que conseguem bancar as despesas pra que eles não tenham... que os de casa não tenham despesa comigo [...] os cursos eu ganho de presente de um parente meu, e ele falou que ele ia me dar os cursos pra eu continuar, que quer investir.

Mulher, 24 anos, Ensino Superior completo, Natal (RN)

A gente mudou pra cá em fevereiro, não, finalzinho de janeiro de 2012 e aí ele [companheiro] começou a trabalhar e eu fui ficando desesperada né, porque eu sempre trabalhei e foi me dando aquele negócio. Aí a minha cunhada de novo, né, “olha [nome da entrevistada] tem uma clínica aqui que eu conheço que eles querem uma odonto pediatra e tal. E aí quando foi mais pra frente um pouquinho já veio a notícia do concurso, eu falei “bom, se realmente tiver eu vou prestar”, prestei, passei.

Mulher, 39 anos, Ensino Superior completo, Manaus (AM)

7. Família e inserção laboral

Os léxicos localizados no lado esquerdo do plano cartesiano traduzem os períodos de entrada e saída do mercado de trabalho, evidenciando, de maneira mais pontual, as medidas de inserção laboral.

Na posição inferior do plano, a Classe 2 congrega trajetórias laborais especialmente caracterizadas pela insuficiência de recursos, como em “barraca”, “apertado”, “salão” (no caso, o trabalho em salões de beleza) e “bar”. Em parte, as

iniciativas refletem projetos familiares de subsistência, levando em conta a divisão de tarefas e a congregação de recursos.

Daí voltei para a casa dos meus pais porque não tinha mais como pagar o aluguel. É ruim, é difícil voltar pra casa dos pais depois que a gente sai, entende? Você tem que aguentar muita coisa, não pode falar [...] assim, ultimamente eu estou atrás de outro emprego né? Porque como eu não trabalho com carteira assinada, e salão é muito corrido e meu menino é pequeno, eu queria um emprego, assim, que não tomasse tanto meu tempo. Eu já fui chamada pra trabalhar, mas devido meu menino ser novinho, eu ainda não posso né?

Mulher, 31 anos, Ensino Fundamental completo, Natal (RN)

Conheci a galera da Feira de São Joaquim através de minha tia, que minha tia tinha uma barraca lá de lanche, e todo mundo passou a me conhecer, que eu trabalhava na barraca de minha tia, ajudando minha tia. Quando minha tia vendeu a barraca lá e foi embora eu continuei na Feira. E aí como todo mundo conhecia minha tia lá, e aí eu comecei a alugar carrinho de mão.

Homem, 36 anos, Ensino Fundamental incompleto, Salvador (BA)

Até os 24 anos eu trabalhei com meus pais na roça, na agricultura, lá no interior de Venâncio Aires, depois eu casei, saí da casa dos meus pais e passei a trabalhar costurando com a minha irmã por uns 2 anos e depois disso eu e meu marido abrimos uma lancheria, um bar, fazíamos lanches para as pessoas que trabalhavam na fábrica de calçados.

Mulher, 65 anos, Ensino Fundamental completo, Porto Alegre (RS)

Volta a ganhar relevância o caráter incerto e temporário das ocupações, com forte incidência do setor informal. Aspectos que são evocados pela tentativa de “montar” o próprio negócio, fazendo frente a cenários materiais amplamente desfavoráveis. Nesses casos, a atuação de parentes pode se manifestar tanto de maneira direta, a partir de empreendimentos familiares propriamente ditos, quanto de maneira indireta, pela facilitação no acesso a oportunidades. Mais especificamente, quando parentes intermediam o contato com o “dono” de um negócio.

Meu filho, filho da minha mulher, centenas de pessoas, muita gente [estão desempregados]. E quando eles montam a barraquinha pra vender a prefeitura prende. Isso é errado, né?

Homem, 55 anos, Ensino Fundamental incompleto, São Paulo (SP)

Porque foi assim, o que eu consegui de imediato, inclusive o dono da padaria, né? Era [nome], que era esposo da minha tia, [nome], então papai falou, ah, a gente realmente está precisando de uma pessoa pra trabalhar no balcão, né? E daí começou, então, a gente passou 2 anos aí nessa atividade.

Homem, 62 anos, Ensino Médio completo, Natal (RN)

Em complemento, os indivíduos relatam experiências de mobilidade espacial, notadamente das cidades do “interior” para as capitais estaduais. O deslocamento concretiza, então, o desejo de “morar”²⁵ em localidades com mercados de trabalho mais consolidados, também com o benefício das entreajudas familiares.

²⁵ Léxico que também retrata as condições de habitação.

Eu fiquei lá por volta de uns 2 anos, eu acho. Aí foi quando eu resolvi vir para... porque eu falei, “mãe, eu não vou conseguir emprego lá” e, ah, e em meados deste tempo, que eu esqueci. Quando eu mudei para a cidade, teve uma época que eu vim para, tenho uma tia que mora aqui na Penha e aí eu vim para cá e aí minha prima arrumou um emprego para mim, numa loja, aqui no shopping Aricanduva.

Mulher, 33 anos, Ensino Superior completo, São Paulo (SP)

A princípio, meu primeiro trabalho que eu tive foi quando a gente veio do interior para morar aqui pra, não era empregado, quem tinha que ajudar era nós, nós, então o primeiro emprego que eu tive foi para ajudar meus pais. A gente pagava aluguel, aí eu trabalhei como ajudante, de ajudante numa fábrica de juta, e daí eu trabalhei por alguns tempos e aí comecei a trabalhar como servente de pedreiro.

Homem, 61 anos, Ensino Fundamental completo, Manaus (AM)

Aí eu arrumei um emprego num escritório de despachante, entendeu? E fui trabalhando desde os 17 anos, e aí vim embora pra, as próprias pessoas que moravam na cidade, vizinhos, entendeu, me ajudaram a vir embora, eu e meu irmão.

Homem, 63 anos, Ensino Fundamental completo, São Paulo (SP)

Enquanto isso, a Classe 3, na posição superior do plano cartesiano, abarca experiências laborais com relativa estabilidade. Vale notar que enquanto o teste χ^2 expressa associação significativa entre a Classe 2 e o Ensino Fundamental completo ($p < 0.01$), o mesmo ocorre entre a Classe 3 e o Ensino Superior completo ($p < 0.05$). O que revela um padrão semelhante ao observado no tópico anterior, a despeito de maior escolarização na Classe 2 quando comparada à Classe 1.

Desse modo, a Classe 3 ancora-se em ocupações com proventos mais significativos, embora por vezes também entendidos como insatisfatórios, condicionados em grande medida ao diploma universitário (“empresa”, “educação” e “advogado”). Já os atos de “indicar” ou “arrumar” revelam a mobilização das redes familiares no acesso a ocupações, a partir do auxílio do núcleo familiar ou da rede extensa, por um “primo”, por exemplo. Nas trajetórias juvenis, tais indicações permitem a contratação por meio de “estágios”, informando os primeiros passos laborais em cenários de baixa pressão por geração de renda.

Outrossim, embora o *corpus* esteja circunscrito aos relatos sobre parentes, as narrativas expressam a combinação entre diferentes tipos de vínculos, abarcando contatos externos à esfera familiar, como por um “amigo”.

Terminei a faculdade e logo me casei com [nome]. Trabalhava em um escritório pequeno e atendia algumas empresas. Aí o [nome do esposo] recebeu uma proposta de um primo dele que tinha uma transportadora aqui em SP, em 2007, e a gente veio para cá. E eu disse “vamos, eu sou advogada e posso trabalhar em qualquer lugar”. A gente veio e logo eu comecei a trabalhar em um escritório que a [nome da irmã] me indicou.

Mulher, 32 anos, Ensino Superior completo, São Paulo (SP)

Meu primeiro estágio consegui com um primo, que conseguiu e que conhecia. Era uma empresa que era bem respaldada na época. De lá eu fui pra [nome da empresa], mas normalmente é entrevista, mas você fica sabendo pelos amigos da escola e assim vai, os contatos são valiosos. Olha, network é a bola do mundo.

Mulher, 36 anos, Ensino Superior completo, Recife (PE)

A minha mãe fez magistério, ela é educadora. Então ela trabalhou muito tempo em creche, ela trabalhou no [nome da empresa], naquela época do [nome da empresa], que era uma fundação e fechou. E ela ficou desempregada um tempo, e aí ela começou a trabalhar num salão de beleza, mas agora ela está com um contrato na prefeitura com educação de idosos, ela dá curso de artesanato para idosos.

Mulher, 30 anos, Ensino Superior completo, Natal (RN)

Quando comparada à anterior, a Classe 3 denota uma inserção laboral com maior planejamento e recursos, conferindo centralidade ao investimento educativo. Logo, as falas destacam o usufruto de “cursos”, em sua maioria profissionalizantes, durante períodos de desemprego. Por sua vez, o léxico “formar” assinala o término do Ensino Superior, ainda que comumente entendido como distante de uma idealização, visto a dissociação entre o diploma universitário e o ingresso em trabalhos bem-remunerados. Já o início do “próprio” negócio, destoando da classe anterior, está vinculado à realização pessoal e ao incremento da renda.

Minha irmã é formada em psicologia e está desempregada agora, e tem um irmão mais novo que está se formando em direito [...] Apertada, mas no momento estamos conseguindo uma folga porque meu pai trabalhava numa empresa, e há uns dois anos atrás ele foi demitido, e daí ele abriu a própria empresa dele e hoje em dia ele faz muito mais dinheiro.

Homem, 28 anos, Ensino Superior completo, Porto Alegre (RS)

Meu filho é estudante de cinema, vai entrar pro terceiro ano de cinema, então agora mesmo hoje ele já me ligou perguntando, que ele está sem trabalho, tal, dizendo que está aperreado e tal. E aí eu já indiquei pra ele dois cursos de fotografia e de desenho, porque ele sempre foi exímio desenhista, e eu vou bancar esses cursos pra ele, porque eu acredito que possibilitando e ajudando na sua formação, ele possa ter mais oportunidades.

Mulher, 51 anos, Ensino Superior completo, Recife (PE)

Finalmente, os léxicos “aposentar”, “derrame” e “falar” são responsáveis por incluir o risco e a incerteza nas narrativas: o primeiro, visto a dificuldade do seu acesso, bem como a necessidade de procurar trabalhos após a aposentadoria; o segundo, a partir da inatividade provocada por problemas de saúde; e o último, devido ao fechamento de negócios, provocando o desemprego dos interlocutores ou de seus parentes. No entanto, nesses casos o suporte familiar é capaz de, pelo menos, evitar a perda dos bens e serviços entendidos como básicos.

E ele [pai] trabalhou com isso muito tempo, e ele teve um derrame. Porque meu pai, ele é alcoólatra. Ele bebe muito e ele tem vários problemas de saúde. Aí ele teve um derrame em 2006, 2007 [...] Ele já tinha saído da [nome da empresa] e ele estava próximo de se aposentar. Então ele não conseguiu arrumar emprego depois disso. Ele arrumou uns temporários na [nome da empresa] e tal, antes dele ter derrame. E depois que ele teve derrame ele não conseguiu mais emprego. Então ele entrou com um processo na justiça, pra conseguir aposentar.

Mulher, 28 anos, Ensino Superior completo, São Paulo (SP)

Ele [pai] trabalhava no [nome do estabelecimento], que faliu há muito tempo, trabalhou muito tempo lá, quando faliu ele acabou, ele foi trabalhar no mercado que tinha ali.

Homem, 24 anos, Ensino Médio completo, Porto Alegre (RS)

E aí eu comecei a me frustrar, aí eu comecei a ficar doente, comecei a ficar mal do estômago, e ele começou a ficar ruim também porque ele não estava conseguindo emprego. Pô, a gente estava formado²⁶, eu estava frustrado, ele também.

Homem, 33 anos, Ensino Superior completo, Canoas (RS)

Depois entrei como secretária na Cooperativa e fiquei 5 anos, só saí porque a empresa faliu. Nesse período de 6 meses, quem sustentava a casa era meu irmão, com meu dinheiro eu comprava somente uma coisinha ou outra, meu dinheiro nunca foi o principal para o sustento da casa, o meu dinheiro era para mim, para meus gastos pessoais. O meu irmão nunca se importou, se eu não pagasse uma conta de luz ou outra, porque ele sempre foi o provedor da casa.

Mulher, 45 anos, Ensino Superior completo, Osasco (SP)

7. Conclusão

Este artigo se dedicou à interface entre desemprego e esfera familiar, analisando relatos biográficos a partir de um olhar estatístico. Por meio da elaboração indutiva de classes lexicais, os escritos evidenciaram as múltiplas formas de experimentar o desemprego em um contexto de grandes disparidades socioeconômicas, levando em conta o acesso diferencial a bens, serviços e oportunidades. Desse modo, foram debatidos tanto os impactos da exclusão laboral no dia a dia de indivíduos e grupos quanto as estratégias, em grande parte familiares, de manutenção ou persecução de recursos.

Vale lembrar que as falas reportaram diferentes momentos da vida pessoal e familiar, levando em conta a elaboração de discursos narrativos na situação de entrevista. Este aspecto traz consigo duas consequências principais. A primeira é que, mais do que em uma caracterização dos entrevistados, cujos atributos podem variar no decurso do tempo, o artigo se deteve no desemprego a partir de suas manifestações possíveis, situadas ou não no presente. Já a segunda consequência, como um aprofundamento da primeira, diz respeito à associação entre o perfil pessoal e a composição das classes. Como vimos, a

²⁶ Nesse caso, o *software* erroneamente analisou o adjetivo “formado” como conjugação do verbo “formar”. Todavia, esse equívoco não é relevante para a análise, visto a equivalência de sentidos.

faixa etária não se apresentou como significativa, visto que o mesmo relato poderia tratar de diferentes momentos da biografia pessoal. O mesmo é válido para os sexos, pois parte considerável das falas enfatizou o desemprego vivenciado por parentes, tanto homens quanto mulheres.

Em contrapartida, a escolaridade, a partir de níveis educativos tratados em separado, foi significativa para todas as classes. Isso ocorreu pois ela mantém, a despeito de transformações em anos mais recentes, uma boa capacidade de predizer a origem social (Ribeiro, 2017). O que se manifesta tanto do ponto de vista intergeracional, a partir das capacidades de investimento escolar na sucessão entre gerações, quanto intrageracional, devido ao compartilhamento parcial de experiências e de oportunidades no interior da mesma geração. Os resultados dos testes χ^2 , ao confirmarem tal associação, me levaram a contrastar os pares de classe a partir dos níveis de formação escolar, predizendo a circulação diferencial de recursos durante o desemprego.

Logo, a primeira oposição abarca aspectos mais amplos da vida em família. De um lado, a Classe 1 representa grupos com baixa escolarização, para os quais o desemprego repercute em uma deterioração mais grave das condições financeiras. Nesse contexto, as estratégias familiares de acesso a bens e serviços assumem um caráter difuso, direcionadas às necessidades básicas e ao tempo presente. Já na Classe 4, indivíduos com formação universitária relatam certas mudanças nos padrões de consumo durante o desemprego, provocando a redução de gastos suplementares e não imperativos. Enquanto isso, as estratégias familiares abarcam montantes consideráveis de recursos, levando em conta investimentos coordenados em educação e visando o ingresso em melhores empregos.

A segunda oposição, por seu turno, exprime os períodos de entrada e saída do mercado de trabalho, contrastando as classes 2 e 3. A primeira, significativa para a baixa formação educativa, traduz ocupações mais elementares e com baixos rendimentos. Nessa classe, o suporte familiar está associado ao êxodo para as capitais, bem como às tentativas de inserção em postos de trabalho, através da intermediação e da montagem do próprio negócio. Já na segunda, os léxicos identificam ocupações com melhores salários, condicionadas em grande parte à formação universitária. Com similaridades em relação à Classe 4, aqui os investimentos familiares, especialmente de caráter intergeracional, assumem a educação e a desobrigação financeira como alvos principais.

A partir desses achados, argumento que a classificação é útil para entender como indivíduos e suas famílias, em face do desemprego, experimentam consequências bastante distintas, da mesma forma que desenvolvem estratégias informais de acesso a bens e serviços. Por conseguinte, os escritos avançam em um terreno ainda pouco explorado, pautado na comparação entre desempregados com variados perfis socioeconômicos.

8. Referências bibliográficas

BEAUDOUIN, V. Statistical Analysis of Textual Data: Benzécri and the French School of Data Analysis. *Glottometrics*, v. 33, p. 56-72, 2016.

BENZÉCRI, J. *Correspondence Analysis Handbook*. Flórida: CRC Press, 1992. 688 p.

_____. Histoire et préhistoire de l'analyse des données. *Les Cahiers des Analyse des Données*, v. 2, n. 1, p. 9-40, 1977.

BILAC, E. D. *Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência*. São Paulo: Símbolo, 1978. 157 p.

BINNS, D.; MARS, G. Family, community and unemployment: a study in change. *Sociological Review*, v. 32, p. 662-695, 1984.

BORGES, A. Impactos do desemprego e da precarização sobre famílias metropolitanas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 23, n. 2, p. 205-222, jul./dez. 2006.

BROMAN, C. L.; HAMILTON, V.L.; HOFFMAN, W. S. The impact of unemployment on families. *Michigan Family Review*, v. 2, n.2, p. 83-91, 1996.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.. Tutorial para o uso do software de análise textual IRAMUTEQ. *Iramuteq*, 2013. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>. Acesso em 11 de maio de 2019.

DURHAM, E. A família operária: consciência e ideologia. In: _____. *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 237-253.

EISENBERG, P; LAZARSELD, Paul. The psychological effects of unemployment. *Psychological Bulletin*, v. 35, n. 6, p. 358-390, 1938.

GOLDANI, A. M.; Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, n. 1, p. 29-48, jan./jun. 2002.

GUEDES, T. et al. Seleção de variáveis categóricas utilizando análise de correspondência e análises procrustes. *Acta Scientiarum*, n. 21, v. 4, p. 861-868, 1999.

GUIMARÃES, N. A. A sociologia dos mercados de trabalho, ontem e hoje. *Novos Estudos*, v. 85, p. 151-170, nov. 2009.

_____ et al. Trajetórias, atributos e relações. Representações sobre redes e obtenção de trabalho. *Revista hispana para el análisis de redes sociales*, v. 22, n. 6, p. 106-146, jun. 2012.

_____ et al. Unemployment, a social construction: institutional programs, experiences and meanings in a comparative perspective. *Economic sociology*, v. 11, n. 3, p. 10-24, jul. 2010.

HARRIS, Z. Discourse Analysis. *Language*, v. 28, n.1, p. 1-30, 1952.

HIRATA, H.; HUMPHREY, J. Trabalhadores desempregados: trajetórias de operários e operárias industriais no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.11, v.4, p. 71-84, out. 1989.

KAMAROVSKY, M. *The unemployed man and his family: the effect of unemployment upon the status of the man in fifty-nine families*. New York: Dryden Press, 1940. 163 p.

LAMPARD, R. An examination of the relationship between marital dissolution and unemployment. In: GALLIE, D.; MARSH, C.; VOGLER, C. (orgs.). *Social change and the experience of unemployment*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 264-298.

LIPPE, T.; TREAS, J.; NORBUTAS, L. Unemployment and division of housework in Europe. *Work, employment and society*, p. 1-20, mar. 2017.

MENEZES, V. Família e Posição de Classe: a socialização familiar pela privação e a socialização familiar protetiva. *Texto para Discussão (IPEA)*, v. 2379, p. 1-54, 2018.

MOEN, P. Family impacts of the 1975 recession: Duration of unemployment. *Journal of Marriage and the Family*, v. 41, p. 561-572, 1979.

MONTALI, L. Provedoras e co-provedoras: mulheres-cônjuge e mulheres-chefe de família sob a precarização do trabalho e o desemprego. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 23, n. 2, p. 223-245, 2006.

PÉLISSIER, D. Initiation à la lexicométrie: Approche pédagogique à partir de l'étude d'un corpus avec le logiciel iramuteq. *Présence Numérique des organisations*, 2017.

Disponível em:

<https://presnumorg.hypotheses.org/files/2016/04/Initiation_lexico_Iramuteq_Mars2017_v6.pdf>. Acesso em 27 de maio de 2019.

RATINAUD, P. Amélioration de la précision et de la vitesse de l'algorithme de

classification de la méthode Reinert dans IRaMuTeQ. In: IEZZI, D. F.; CELARDO, L.; MISURACA, M. (orgs). *JADT' 2018: Proceedings of the 14th international conference on statistical analysis of textual data*. Rome: Universitalia, pp. 616–625, 2018.

REINERT, M. Alceste une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia De Gerard De Nerval. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, n. 26, p. 24-54, março, 1990.

_____. Classificaton Descendente Hierarchique et analyse lexical par contexte: application au corpus de poesies d'A. Rimbaud. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, n. 13, p. 53-90, janeiro, 1987.

_____. Une méthode de classification descendante hiérarchique: application à l'analyse lexicale par contexte. *Les Cahiers de l'Analyse des Données*, v. 8, n. 2, p. 187-198, 1983.

RIBEIRO, C. A. C. Tendências da desigualdade de oportunidades no Brasil: mobilidade social e estratificação educacional. *Mercado de Trabalho*, v. 62, p. 49-66, abr. 2017.

RIBEIRO, L. C de Q. Desigualdades de oportunidades e segregação residencial: a metropolização da questão social no Brasil. *Caderno CRH*, v. 23, n.59, p. 221-233, mai./ago. 2010.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. 1994. 215 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.

TAYLOR, J. Unemployment and family life. In: SAUNDERS, P.; TAYLOR, R. *The price of prosperity: the economic and social costs of unemployment*. Sidney: University of New South Wale Press, 2002. p. 65-85.

THOMAS, E.; MCCABE, E.; BARRY, J. Unemployment and family stress: a reassessment. *Family Relations*, v. 29, p. 517-524, 1980.